

## Origem e significado de algumas expressões brasileiras

Jean Lauand<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta – como parte de um futuro Dicionário – notas e comentários a algumas gírias e expressões idiomáticas brasileiras, buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

**Palavras Chave:** gíria brasileira. expressões idiomáticas brasileiras. uso, datação e sentido.

**Abstract:** This article presents (as part of a coming book) some entries of a Dictionary (with notes and comments) of Brazilian slang and idioms on their datation, meaning and usage.

**Keywords:** Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

### Expressões brasileiras e seu surgimento na imprensa

Publico este artigo, como amostra do que será um livro, um brevíssimo Dicionário, para o qual agradeço antecipadamente as sugestões e críticas dos leitores.



(Onde o Judas perdeu as botas – “D. Quixote”, RJ, 3-4-1918)

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de preciosos periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real.

---

<sup>1</sup>. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

Os comentários a cada expressão procuram evidenciar a dinâmica da língua, como realidade viva, como mostramos – a Profa. Dra. Silvia Gasparian Colello e eu – em estudo específico: “A dinâmica da língua e suas tendências de evolução” (<http://www.hottopos.com/isle36/SilviaJean.pdf>). Uma mais extensa “parte” de nosso Dicionário já foi publicada em: <http://www.hottopos.com/isle36/jeandic.pdf>.

Certamente, estou ciente do fato de que a datação de surgimento de uma expressão por meio de jornais e revistas envolve um grau de imprecisão, sobretudo em se tratando de gírias (que nem sempre têm lugar na imprensa “séria” – embora contemos também com revistas satíricas, jornais de esportes, enfim, de periódicos mais “descontraídos”).

### 1. (pelo) Andar da carruagem

Já na primeira aparição da expressão “andar de carruagem” na BN, a carruagem – e o número de cavalos que a puxam – é obviamente índice de riqueza, status ou ostentação. “O Simplicio da Roça” (RJ, 1-7-1832), traz uma carta humorística, na qual um enamorado pobre, faz promessas fabulosas a uma mocinha com quem quer se casar, assegurando que, embora não tenha um tostão, vai (algum dia...) receber uma herança e “então, meu bem, havemos de andar de carruagem a quatro [cavalos], e camarote effectivo no Theatro etc.”

E o Folhetim “Maria Espanhola” do “Diario Novo” (PE, 5-3-1852) protesta contra os constantes abusos das carruagens, que ignoram os perigos que representam para os pedestres: “o insolente orgulho dos que pensão que o pobre deve submeter-se à voz de seus lacaios” (“o *arreda* de um cocheiro [que não para nem diminui a velocidade diante de pedestres] brutal e embriagado”).

“Pelo andar da carruagem” é na verdade a abreviação de um provérbio: “Pelo andar da carruagem se conhece quem vai dentro”. A primeira aparição na BN dá-se em “O Portuguez” (RJ, 12-6-1862):

Autorisou o publico a acreditar no rifão antigo “Pelo andar da carruagem se conhece quem vai dentro” .

Hoje em dia, a expressão “pelo andar da carruagem” indica apenas “do jeito que a coisa vai”, podendo aplicar-se a situações meramente fáticas: “pelo andar da carruagem, não teremos inverno rigoroso neste ano”, ou “pelo andar da carruagem, a pandemia vai acabar impedindo diversas competições esportivas”. Mas, originalmente, o provérbio aplicava-se a situações em que havia conexão com a influência de poderosos: o “quem vai dentro” (que nós, hoje, suprimimos) era decisivo. Assim, o provérbio aplicar-se-ia antes a afirmações como: “O Vasco pode ser rebaixado, mas, pelo andar da carruagem, o Fluminense (com seus poderosos “advogados”) nunca será”, ou “Pelo andar da carruagem, a Polícia Federal nunca vai concluir a investigação sobre o filho do presidente”.

Assim, o “Jornal do Commercio” (RJ, 19-5-1881) comenta:

Pelo andar da carruagem se conhece quem vem dentro: assim é que na questão do arrendamento do trapiche Mauá mostrou que a vantagem para o governo está em se fazer mais uma repartição para arranjar os bons afilhados.

Só para as Excelências... O “quem vai dentro” não era uma mera questão de deferência verbal, tinha implicações reais muito concretas. O jornal “O Paiz” (RJ, 3-9-1896) publica textualmente “uma preciosidade”, um decreto de D. Pedro I para que se veja “até onde ia a imperial ingerencia para que não se confundissem os fóros hierarchicos”. Assim, sem embargo do alvará de 2-4-1762, que proibia qualquer pessoa pudesse andar em “carruagem de mais de duas bestas”, o Imperador determina que:

Todas as pessoas que gozem do tratamento de Excellencia possam nesta Corte andar em carruagem de quatro bestas.

[E o jornal comenta:]

Louvado seja Deus! Para andar puxado a quatro bestas já foi preciso nesta terra decreto imperial e ter excelência!

Na BN, só em 1915, aparece a forma abreviada “pelo andar da carruagem” (O Seculo, RJ, 3-4-1915), mas no sentido original de maracutaia de político:

Pelo andar da carruagem, é fácil prever que se vae repetir a canção da fraude, da violência, de desrespeito ao voto popular, da mentira do regimen representativo, dos caprichos do sr. Pinheiro Machado, a quem todos obedecem e de quem esperam a palavra de ordem (...)

Caindo em desuso as carruagens, na BN, aparece em 1929 o uso neutro, sem malícia da expressão, referindo-se a meros fatos. O Correio da Manhã (RJ, 30-1-1929) prevê o sucesso – por seus méritos e não por fraudes – do rancho Beija-Flor no carnaval que se aproxima:

Pelo andar da carruagem se vê quem vem dentro. (...) **Pelos preparativos**, a avezinha “Beija-Flor”, tão inoffensiva, este anno vae fazer mal a muita gente!

## 2. Bater papo

Em seu sentido original, “bater papo” não é conversar. A expressão em seu uso antigo, na imprensa do século XIX – e depois ainda por muito tempo – serve para designar que tal situação me afetou, mexe comigo, não me deixa indiferente e me convoca a uma ação ou reação (talvez agressivas).

Assim, no “Diário de Pernambuco” de 31-12-1880, lemos: “metti-me em camisa de onze varas [em sérios apuros] mas nem por isso **me bate o papo**”

E “O Carapuceiro”, periódico pernambucano, em sua edição de 7 de maio de 1832 (parece ser a primeira aparição no acervo da BN), fala do farisaísmo de pessoas falsamente religiosas, como a daquele homem que ostenta devoção mas em sua hipocrisia é capaz de matar ou mandar matar e “nem **lhe bate o papo**”: não se abala e nem se altera minimamente ao praticar esse ato horrendo.

É importante notar o uso pronominal, na época, da expressão: me bate, lhe bate... o papo. Ou na forma do possessivo, como no “Diário da Manhã” de Vitória (2-7-1909): “(vamos para outro assumpto) que hoje **bate o papo meu**”.

Cem anos depois do “Carapuceiro”, em sua edição de 20-5-1936, o “Correio Paulistano” ainda emprega a expressão no sentido de reação veemente, no caso agressiva e verbal. O povo já não se deixa enganar e ante a tentativa de engodo dos

políticos: “o povo olha pra ela com um arzinho de xuxu amorfo, pisca o esquerdo em fá sustenido e **bate o papo**: ‘Ora vá \*&%@’”.

Mesmo em 1945, ainda é empregada nesse sentido. O povo reage e se entrega ao falatório. Finda a guerra, havia grande movimento no Recife para dar o nome de uma avenida em homenagem ao presidente Roosevelt, mas o prefeito Etelvino Martins, articulado com o governador Agamenon Magalhães, o “China”, fica enrolando, por razões ideológicas. O “Jornal Pequeno” de 15-8-1945, publica os versinhos satíricos (usando já a expressão “engolir sapo”):

“Por que não dar à avenida / O nome do Presidente?”  
Pergunta surpreendida / e intrigada tôda gente  
O Prefeito engole o sapo / Mas por que não deu não diz  
E o Zé Povo **bate o papo**: / “Foi o China que não quiz...”

Na primeira metade do século XX, é frequente essa variante de sentido, também diferente do nosso atual descontraído “bate papo”: a de ser convocado à ação específica de falar mal (ou até mais...), discutir, bater boca. “A Notícia” de Joinville (8-1-1939) referindo-se a uma pesada discussão entre dois torcedores em estádio de futebol, diz: “**Bate papo forte**”.

Também nesse sentido de reação agressiva, “O Combate”, jornal do Maranhão, em sua edição de 3-7-1948 relata: “(vimos) num **bate papo** estonteante o sr. Ministro da Fazenda engalfinhado com o sr. Ademar de Barros numa luta corporal que tem deixado a opinião pública de boca aberta”.

Ainda no sentido de falar mal dos outros, no carnaval de 1933 em Vitória, o estribilho do “Bloco Bate-Papo” era:

Bate-Papo!, Bate-Papo!  
Meu povo saia da frente!  
Nós temos língua de trapo  
Falamos de toda gente...  
(Diário da Manhã, 8-2-1933).

Para a formação dos sentidos de falar (maledicente ou de conversa informal) de “bater papo” pode ter contribuído o antigo verbo “papear”. Desde meados do século XX, papear é usado praticamente só como sinônimo do nosso “bater papo”. Mas seu sentido original é: “emitir sons melódiosos (as aves); gorjear, chilrear” (Houaiss, 3.) e, como encontramos no *Diccionario de la Real Academia Española*: “Balbucir, tartamudear, hablar sin sentido”. O mesmo DRAE indica que se trata de palavra onomatopaica: o “papapá papapá papapá...” das aves, bebês etc., sem relação com o papo, propriamente dito. É claro que papear se presta a metáforas como “falar muito, tagarelar” (Houaiss, 2.) e “hablar sin sentido” (DRAE).

Assim, um artigo de 23-3-1839 de “O Carapuceiro”, referindo-se à novidade de moças que se graduam “nas Sciencias Juridicas e Sociaes” etc., lamenta (com um machismo ainda presente hoje em dia!) a sorte dos maridos de mulher “que em vez de cuidar no arranjo da casa, em coser, remendar etc. etc., desbarata o precioso tempo em papear sobre assumptos políticos”. E a “Gazeta dos Tribunaes”, de 1-8-1845, menciona o saber de certo parlamentar, que não é estéril e “sua eloquência não é o papear dos insensatos”.

A coexistência dos três sentidos (impulsionar a agir, falar mal ou bate boca, e conversa descontraída) convivem na primeira metade do século XX, com crescente predominância do sentido, tão simpático, que hoje tem a expressão. Em 1946 (29-8), ainda encontramos um dos últimos usos em sentidos vigentes no passado: o “Jornal Pequeno” (“o grande jornal do Nordeste”) publica uma crônica na qual o autor se queixa do transporte para sua casa, ainda no primitivo sentido do século XIX: o bonde não funciona, a lotação é cara etc. e “ônibus não **me bate o papo**” (não me motiva, não me interessa). E no mesmo ano de 1946, na famosa revista “O Cruzeiro” (28-12-1946) Rachel de Queiroz vale-se de adjetivação para comentar com o primo saudosista “como é bom um bate papo **inocente** [e não agressivo] na farmácia ou no botequim”.

Mas já antes encontramos o sentido atual, plenamente vigente. Um exemplo entre inúmeros: “O Imparcial”, do Rio de Janeiro, de 4-8-1935, informa que a reunião da diretoria dos escoteiros terminou “com o costureiro **bate papo** na leiteria do Largo do Machado” (pode haver algo mais inofensivo do que reunião de escoteiros para tomar leite?).

Mas por que, afinal, se diz “**bater** o papo”? A pista decisiva para a resposta está nos versos de Silva Andrade, famoso poeta paraibano, em seu clássico livro “Brasil Caboclo”, recolhidos em 1937 na revista “Fon Fon”:

Quando meus óio ti vê  
meu coração dá supapo  
começa logo a batê  
cumo o sapo bate o papo

E é que a origem da expressão se torna ininteligível se tomamos “bater” no sentido de aplicar pancadas,urrar. Mas, claramente (em seu sentido originário) trata-se de bater, entendido como pulsar, palpitar, como na imortal “Carinhoso” de Pixinguinha: “Meu coração, não sei porque, bate feliz quando te vê”.

Tal como no sapo, os veementes desejos e as atrações se manifestam no bater do papo (expressos de vigoroso modo sonoro por seu saco vocal, o papo): “meu coração começa a batê como o sapo bate o papo”. Depois passou a significar também falar mal, para, finalmente, consolidar-se somente como falar em conversa informal e despretensiosa.

### 3. Bossa Nova

“Bossa” é gíria muito antiga, o particular jeito que produz um destaque. Inicialmente, aplicava-se somente a uma qualidade específica de alguém específico para algo (bom ou mau): a bossa “da poesia”, “das mathematicas”, “da ironia”, “do crime”, “do perdulario” etc. O “Diario do Rio de Janeiro” (10-12-1847), falando dos prováveis golpes do baú do “talentoso José Estevao”, ironiza: “vê-se que o ex-deputado tem a bossa do matrimônio altamente desenvolvida”.

Outros exemplos: o Jornal do Brasil (RJ, 17-09-1900) afirma de Felipe Theodoro Ferreira: “tem a bossa da valentia”. Em 1920, a revista Para Todos (RJ, 18-09-1920) diz de alguém, que “tem a bossa do negocio bem desenvolvida...” Já em 1921, a revista “Caretta” (RJ, 20-8-1921) escreve sobre o governador do Maranhão: “O Snr. Urbano não tem a bossa do perdulario”.

Só muito depois, a expressão começa a aparecer simplesmente como ter graça ou talento, sem a necessidade de ser específico. Como na célebre marchinha do Carnaval de 1937, “Mamãe eu quero”: “Eu tenho uma irmã que é fenomenal, ela é da bossa e o marido é um boçal”. Surgem também ocorrências de “nova bossa” e, em “O

Jornal” (RJ, 25-09-1949), “bossa nova” simplesmente como “novo jeito”: o produtor Fernando Lobo, da Rádio Nacional, anuncia duas ideias magistrais, “que é ‘bossa nova’, são programas que ganharão o horário desde a noite de estréia”. Só no final da década seguinte a expressão “bossa nova” ficaria especializada no novo estilo, na nova bossa musical de João Gilberto & Cia.

#### 4. Demais (no lugar de simplesmente “muito”)

Nossa gíria “menos!” procura atenuar excessos de destempero verbal, por vezes praticado pelo brasileiro em elogios ou augúrios: “– Nosso centroavante aqui (do modesto time do interior) tem tudo para estar no Barcelona ou no Manchester”, o que obriga o consternado elogiado a dizer “– Presidente, menos!”; “– A firma ainda está operando só no bairro, mas em breve conquistará o mercado americano” etc.

A tendência brasileira à ênfase e ao intenso (exceção feita a atenuantes de eufemismo: “houve um probleminha, um acidentezinho, um pouco chato... perda total”) leva-nos a exageros verbais, como ao uso abusivo de advérbios como “extremamente” e “demais” (sem falar nos “literalmente”, que não são nada literais: “- Fulano me ajuda muito: é literalmente meu braço direito”), no sentido simplesmente de “muito” (um grau a menos). Quando, em 2010, o fadista José da Câmara quis homenagear Roberto Carlos, gravando uma dúzia de canções suas no CD “Emoções”, ele expressou a imensa dificuldade de manter as letras no original “brasileiro”. E declarou em entrevista à RTP: “há ali [no português do Brasil] frases que ficam cá ridículas...”. Provavelmente causará estranheza a um português o verso de Emoções “essa fé que me faz otimista demais”, o que, numa primeira impressão, o levará a pensar em alguém **demasiadamente** otimista, que, por exemplo, perde fortunas em temerárias apostas e que necesssita buscar tratamento médico para retornar ao bom senso e ao realismo... E o mesmo em outras línguas: dizer à pessoa amada “você é demais” soa, em inglês (“you are too much”), você é insuportável. Exceto na Itália (os italianos, tão propensos ao superlativo...), onde, como nós, se pode dizer “*sei troppo simpatica*”, para expressar simplesmente que a pessoa é muito simpática.

Talvez o uso tenha surgido da abreviação da locução do mineirês: “...demais da conta”. Dessa expressão, encontramos um registro escrito já em 1943 (4-5-43), no Correio de Uberlândia, no qual alguém se refere a um prefeito dizendo que ele “é bom demais da conta”.

Poucos meses depois, aparece em O Cruzeiro (2-10-43) uma caricatura de Hitler, com o comentário: “Um tribunal popular para julgar Hitler (...) seria ‘legal’ de mais”. As aspas são para indicar que se trata do sentido da, então nova, gíria: “legal” (bacana, adequado).

#### 5. Fofoca

Fofoca”, como sinônimo de “mexerico” (como nos famosos “Mexericos da Candinha” da “Revista do Rádio”, celebrados em antiga canção de Roberto Carlos), é de meados da década de 1950. Como de hábito, marchinhas de Carnaval promovem a nova palavra.

A “Última Hora” de 12-10-56 noticia: “(O compositor Gugu) tem uma nova bomba para o próximo reinado de Momo. A marchinha “Fofoca” com música também de Vicente Paiva [autor de ‘Sassaricando’, ‘Mamãe eu quero’ etc.]”.

“Fofoca” (a mesma?) foi uma das campeãs do carnaval de 1958, gravada por Cezar de Alencar.

O “Diário da Tarde” (24-5-58) de Curitiba tem que explicar aos leitores o significado da nova palavra:

“Fofoca” é mais ou menos uma coisa assim: “- Você sabe da última? O Fortunato comprou carro novo. Levou também a Rutinha, aquela da lambreta azul. Engraçado! O danado do carro do Fortunato só dá de enguiçar em zona deserta. Já tem até lugar certo de ficar “manco”. Isto é a “fofoca”. Uma palavra que vai acabar certamente na Academia de Letras. Desbancou o “disse-me-disse”, o “ouvi-dizer”, etc. É o velho mexerico em “maillot” de duas peças. Está mais em evidência do que batom em boca de vedette.

Coitadas das palavras! Como os políticos e as notas promissórias têm os seus altos e baixos. Hoje valem muito, amanhã não valem nada. Vejam o triste caso de “mexerico”... [após décadas de glória, desbancado por fofoca]. (versão ampliada de artigo de “O Cruzeiro”, 15-03-58)

## **6. (onde o ) Judas perdeu as botas**

“Onde o Judas perdeu...” é expressão antiquíssima e surge na BN em 1833 (na forma original: “onde Judas perdeu a mãe”), em um artigo para combater ferozmente os inimigos da imprensa, que em vão investem contra os jornais:

e que elles trabalhão por exterminar [os jornais]: mas coitadinhos, como se enganaõ! Ainda que elles se vão encantoar la onde Judas perdeu a mãi, sempre hão de haver meia duzia de *Firmes Assignantes* para sustentarem o seu periodico... (“Recopilador Sergipano”, 15-06-1833)

Já a partir de 1853, firma-se “Onde o Judas perdeu as botas” (“as botas” ou “a bota”):

Amigo Cubatão (...) onde está a sua sciencia? Por certo está onde Judas perdeu a bota. Fez tanto barulho, e a final deu tudo em agua de barrella! (“Marmota Fluminense”, 11-03-1853)

A versão jocosa (que não poderia faltar...), “Onde o Judas perdeu as meias”, com a devida explicação, aparece na BN já em 1915:

Quando as turmas que elle fiscalizava chegaram a um arraial, lá onde Judas perdeu as meias, por já ter perdido as botas muito antes (...). (“Era Nova, RJ, 30-09-1915)

## **7-14. Pão, pão; queijo, queijo / (pôr o) Preto no branco / pingos nos ii / em pratos limpos / na hora da verdade / sem papas na língua/ agora é que são elas / no frigr dos ovos /**

Contra a tendência nacional dos meios tons, dos eufemismos, do não se comprometer, da enrolação e do blá-blá-blá, temos necessidade de muitas expressões

para indicar a fala direta, “na lata”. Estas, entre outras, permanecem ao longo do tempo e são muito empregadas.

“Pão, pão; queijo, queijo”, remonta a 1811. O “Correio Braziliense” (Londres, julho 1811) registra a seguinte fala:

He muito possivel, que o Reverendo Orador, não pensasse exactamente como fallou (...) porem nós que estamos em poder de chamar ao pão pão, e ao queijo queijo; julgamos necessario corrigir aquellas expressoens...

É da mesma época a primeira ocorrência de “pôr em pratos limpos”. Contra acusações de um missivista que assina “Solitário”, o “Conciliador do Maranhão” responde:

Valha nos Deos, Senhor Solitario (...) Se V. M. quer isso em pratos limpos, ponha por baixo seu nome e será servido. (05-12-1821)

“Preto no branco” é expressão muito antiga, aparece por primeira vez na BN também em 1821:

... fazendo a narração fiél daquele funesto dia, cuidadosamente occultamos algumas circumstancias para não fomentarmos a discordia. Diga, *Senhor Amante da Ordem, que dezeja semear a desordem* (...) se tem a mania de por o preto no branco; (de que Deus o livre!) faça tambem sua papeleta, imprima-a (etc.). “Semanario Civico, BA, 07-06-1821)

“Não ter papas na língua” tem sua primeira aparição na BN em 1824, também no “Imperio do Brasil: Diario Fluminense”. Um leitor elogia rasgadamente um corajoso missivista:

... não tem papas na lingoa, nem tem lingoa de trapos; não canta fóra do coro, põe as cousas no seu logar. (03-07-1824).

“A hora da verdade” aparece na BN em 1828, no “Imperio do Brasil: Diario Fluminense”:

[aqueles que por ódio] procuram cobrir sua nudez por injustos ataques a um Governo, que está muito acima de sua defamação, sabemos que são incorrigiveis. Tambem para elles ha de soar a hora da verdade. (02-01-1828).

Também sua sinônima, “pingos nos ii” é velha: já ocorre em 1864:

...pediu-me franqueza, pois então vou por os pingos nos ii, como se costuma dizer. (“Correio Paulistano”, 24-6-1864)

“Agora é que são elas” é bem mais recente. Aparece na BN em 1951, a propósito da proximidade do desfecho de um problemático caso de Chilon Lobo, um político de Coroatá:

Agora é que são elas. O Chilon “Barão de Nogueira” Lobo foi convocado para a Assembleia... (“O Combate”, MA, 15-05-1951)

Ajudou a difusão da expressão, o fato de se prestar a aludir ao protagonismo feminino, aproveitado em diversos títulos de programas de rádio, teatro, teatro de revista etc.

“No frigrir dos ovos” (é que se vê a manteiga / é que a manteiga chia) surge na BN em 1848:

Mas ao frigrir dos ovos é que a cousa ha de ser bicuda.  
 (“O Correio da Tarde”, RJ, 14-02-1848)

### **15. (fim da) picada**

“Picada” é um caminho estreito aberto, arduamente, na mata a golpes de facão. Se trilhar a picada já é um sofrimento, andar na mata sem a picada é literalmente espinhoso, sofrido e perigoso (lugar propício para emboscadas). A expressão “fim da picada” só surge na BN na década de 1860, mais precisamente a partir de 1866. Até 1870, as 16 primeiras ocorrências são, todas elas, em informes militares sobre operações na Guerra do Paraguai; guerra na qual abrir picadas na mata era essencial para as incursões em território inimigo.

Assim, por exemplo, o Ministério da Guerra traz, no “Diario do Rio de Janeiro” (28-11-1866), o relato do comandante da patrulha na qual ocorreu a morte de um tenente-coronel da Infantaria, vítima de um disparo quando adentrava uma picada, que o exército brasileiro tinha aberto:

[Naquela noite] quando chegavamos quasi ao fim da picada, ouvi um tiro, e cahio logo moribundo o nosso infeliz camarada, que dous ou tres minutos depois expirou.

No contexto da mesma Guerra, um relatório militar refere-se a outro problemático “fim da picada”:

Com effeito, admitindo a possibilidade de serem superadas todas as dificuldades inherentes á marcha de um exercito por taes sertões, supponha-se que chegava elle ao fim da picada. O que encontrava? O Paraná em um logar inacessivel á nossa esquadra, e de perigosa transposição; e pela frente, na margem opposta, outro sertão quasi tão extenso como que se acabava de atravessar, completamente desconhecido, e todo ele em território inimigo. “Diario do Rio de Janeiro” (9-6-1867)

“O Correio Paulistano” (2-12-1868) informa que, acoessando Solano Lopez,

O marquez de Caxias vae passar para o Chaco afim de comandar em pessoa as forças que devem repassar o rio acima da Angostura. A artilharia brasileira também foi transportada para o Chaco e já se acha no fim da picada. (...) O general Ozorio e parte das forças argentinas marcharão pela direita.

Nesses informes de guerra – e ao longo de toda a década de 1870 – “fim da picada” é sempre tomado em sentido literal. Em 1919, aparece um primeiro uso metafórico, no sentido de “pôr um ponto final”, chegar a uma conclusão, no caso de uma complicada e extensa investigação policial em “A Verdade” (MG, 31-7-1919).

Em “O Paiz” (RJ, 20-1-1920) ocorre (ao que parece) o primeiro uso de “fim da picada” no sentido metafórico atual de: algo desagradável, inconveniente para além dos limites. Apresentando a programação de uma “Batalha de Confete” (não os modernos de papel; os da época eram pedacinhos de gesso), “uma ‘zueira’ de todos os diabos”, conclui: “É, incontestavelmente, o fim da picada!!!”. E a partir daí já se torna corrente, especialmente na política, como por exemplo: “A justiça local é o fim da picada nas causas commerciaes” (Correio da Manhã, RJ, 25-1-1931).

Recebido para publicação em 11-09-20; aceito em 14-10-20